



SOMBRAS DE UM PASSADO

Williany Tainá Da Silva Francisco¹

Wedja Taisa Da Silva Francisco²

Kelly Cristina Silva Barros³

Em um quarto pequeno e aconchegante, encontrava-se Rebeca, deitada sobre a cama de casal. A luz fraca que entrava pela janela mal iluminava seu rosto, mas era suficiente para revelar o vazio em seu olhar. Havia algo ali que não cabia em palavras — uma dor silenciosa, antiga, que ela carregava sem nunca explicar. Naquela noite, porém, seus pensamentos insistiam em voltar para alguém que mal chegou a conhecer, mas que, de alguma forma, parecia fazer falta todos os dias.

O silêncio no quarto era tanto que Rebeca se assustava toda vez que ouvia os trovões e raios caindo do lado de fora do quarto. Após tantos trovões Rebeca que é uma adolescente de uma estatura média (1,55 cm), cabelo iluminado cacheado bem definido e olhos claros, fechou os olhos e tentou por um instante esquecer tudo o que estava sentindo, porém foi em vão. A tristeza era tanta que ela só conseguia pensar como seria a vida se ela não tivesse sido afastada desse alguém que ela tanto sente falta, se algum dia ela conseguiria se conectar com essa pessoa e em algum momento da vida eles conseguiriam viver unidos como uma grande família dos contos de fadas.

Durante o dia Rebeca levava uma vida aparentemente comum. Acordava, se arrumava e ia para à escola com sua irmã mais nova. Depois da aula chegava em casa, esquentava o almoço, e as duas sentavam em frente à TV para fazer a refeição. A tarde ela organizava a casa junto com sua irmã, fazia suas atividades da escola, esperava seus pais chegarem do trabalho para enfim ir para cama dormir. E mesmo sendo a irmã do meio Rebeca sempre carregava o peso de ser a irmã mais velha, carregava com ela toda a responsabilidade e as expectativas jogadas sobre ela. Rebeca sempre guardava consigo perguntas que nunca encontrava respostas, especialmente sobre aquele irmão caçula.

¹ Williany Tainá Da Silva Francisco, estudante do 7º período do curso de Pedagogia Centro Universitário Unifimes. 202320370@fimes.edu.br

² Wedja Taisa da Silva Francisco, acadêmica do 1º período de ciências contábeis Centro Universitário Unifimes. Wedjataisas@academico.unifimes.edu.br

³ Kelly Cristina Silva Barros, estudante do 7º período do curso de pedagogia no centro Universitário Unifimes. Kellycristinasilvabarros107@gmail.com



Na escola era conhecida como a rainha do silêncio pois era uma menina quieta e de poucos amigos, estava sempre em um canto sozinha. Ela até tentava se enturmar, porém não conseguia, pois tinha consigo um sentimento de invisibilidade. Não se sentia acolhida pelas pessoas e nem que pertencia a algum grupo, por esse motivo sempre se mantinha afastada dos Colegas da escola. No entanto, na escola, Rebeca tinha uma professora em que elas eram muito amigas.

Alzira Dalva é uma professora de apoio dentro da sala onde a menina estuda, ela muito bonita, tem cabelos longos e castanhos, olhos claros e uma cor de pele radiante ela é elegante, simpática, educada e muito amorosa. Durante os intervalos de aula, Rebeca sempre se aproximava da professora para conversar e mexer em seu cabelo. Com Alzira Dalva, Rebeca falar sobre tudo sobre sua vida familiar, escolar, medos, inseguranças, angustias, sonhos e conquistas. Dalva realmente era sua melhor amiga, sua confidente. Rebeca sempre se sentia acolhida, amada e vista pela professora, por isso conseguia se abrir tanto com ela.

Em uma manhã de quinta-feira, Rebeca saiu para à escola como de costume, porém, nesse dia ela estava cabisbaixa. Na sala, ela se sentou em sua carteira e passou a maior parte do tempo de cabeça baixa. A sala estava muito agitada, foi difícil para a professora de apoio perceber o comportamento diferente de Rebeca. No intervalo do recreio Alzira Dalva se aproximou de Rebeca, abaixou para ficar mais próxima dela e então perguntou.

— Rebeca minha florzinha o que está acontecendo que você está tão para baixo hoje?

Rebeca levantou-se da cadeira e pediu para que Dalva se sentasse na cadeira para que ela pudesse mexer no seu cabelo e então falar o que estava acontecendo. Assim ela fez, se sentou na cadeira, por fim Rebeca finalmente respondeu.

— Dalva, hoje eu acordei me sentindo muito triste lembrando da história da minha família.

Mexendo distraidamente no cabelo da mulher, Rebeca ficou em silêncio por alguns segundos. Seu olhar se perdeu, como se estivesse distante dali.

— Eu me lembrei de uma coisa agora... — disse em voz baixa.

Ela respirou fundo antes de continuar.

— A gente era feliz, eu, minha mãe, meu pai e meus irmãos. A casa era pequena, mas, tão aconchegante.

Ela engoliu seco antes de continuar sua fala.

— Mas, teve um dia que tudo mudou... parecia que uma nuvem escura tinha tomado conta de tudo.

Rebeca abaixou o olhar, visivelmente abalada.



— Eu lembro que fiquei com tanto medo e perguntei pra minha mãe: “Mamãe, o que está acontecendo?”

Sua voz falhou por um instante.

— E ela disse... “Rebeca, minha filha, seu pai está indo embora de casa.”

Rebeca respirou fundo, tentando conter suas emoções.

— Eu chorei tanto naquele dia... chorei como se o mundo fosse acabar ali mesmo.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos antes de completar:

— Mas, mesmo assim... eu tive que continuar. Fiquei com a minha mãe e segui a vida.

A professora observava com muita cautela cada palavra dita por Rebeca.

Rebeca então continuou a falar:

— Dalva dois anos depois meu pai voltou para casa, com um bebê no colo dizendo ser seu filho... Foi um momento tão difícil de entender o que estava acontecendo e para minha mãe foi doloroso ter que ver aquela cena.

— Para mim que ainda era uma criança, foi um momento muito feliz. Eu estava feliz pela volta do meu pai, mais feliz ainda pela chegada do bebê, que eu descobri mais tarde que era o meu novo irmão.

Sem falar nada Alzira Dalva continuou ouvindo Rebeca.

— Depois de seis meses que meu pai voltou para casa, minha mãe o aceitou de volta e aceitou também o bebê. Só que ela falou para ele “Antônio eu te aceito de volta, com a condição que iremos embora para outro lugar, para reestruturar nossa família”.

Respirando fundo Rebeca continuou falando.

— A princípio meu pai recusou a proposta da minha mãe, mas, depois de pensar com calma ele acabou aceitando e foi assim que viemos parar aqui.

— Só que o problema — disse Joana, com a voz falhando — é que a mãe do meu irmão não deixou ele vir com a gente. Causando nosso afastamento, e é por isso que hoje eu sinto tanta falta dele.

Ela respirou fundo, tentando organizar os próprios sentimentos.

— Todos os dias eu me pergunto como seria a vida se a gente não tivesse se afastado — ainda estava mexendo no cabelo de Dalva. — E dias como o de hoje me deixam muito mal, porque parece que a dor da saudade vem com mais força.

Rebeca levou a mão ao rosto, visivelmente abalada.

— Eu fico inconsolável... não sei o que sentir, o que pensar... — sua voz saiu quase em um sussurro. — Mas, ao mesmo tempo, sinto tanta saudade dele, saudade de algo que a gente nunca chegou a viver.



Depois de ouvir tudo o que Rebeca falou, Dalva se aproximou um pouco mais e segurou suas mãos com delicadeza.

— Rebeca — disse com a voz calma — o que você sente é muito verdadeiro. Essa saudade que você carrega não é só de alguém, é também de tudo o que poderia ter sido.

Ela fez uma pausa, como se escolhesse bem as palavras.

— E isso dói mesmo. Dói porque você o ama, mesmo sem ter compartilhado a vida com ele. Dói porque ficou um espaço vazio aí dentro de você.

Dalva apertou levemente as mãos de Joana.

— Mas você não está errada por sentir isso, nem precisa esconder essa dor. Às vezes, nós não temos respostas pra certas coisas que acontecem em nossas vidas, mas, podemos aprender e aos poucos descobrir formas de como lidar com os nossos sentimentos

Ela sorriu de forma acolhedora.

— E você não precisa passar por isso sozinha, viu? Eu estou aqui para você, pode sempre contar comigo.

Quando terminou de conversar com Dalva, Rebeca voltou para a sala aula. Dessa vez com o coração mais calmo, acolhido e se sentindo em paz.

Ao encerrar suas atividades, caminhou de volta para casa, durante todo o percurso permaneceu mergulhada em pensamentos sobre aquela conversa.

Foi então que percebeu que a vida nem sempre é fácil, mas que é possível aprender a viver com aquilo que nos acontece. Entendeu que ao se desprender das incertezas e dúvidas, as coisas podem começar a fazer mais sentido.

Pela primeira vez, permitiu-se pensar que, no futuro, talvez pudesse encontrar seu irmão, quem sabe até mesmo esclarecer todas as perguntas que ficaram guardadas no “e se...”.

Mas, agora, sem se sentir presa ao passado — apenas seguindo em frente, com mais leveza.